



Data: 24.03.2011

Título: E PERIGOSO QUE JOVENS DUVIDEM QUE VALHA A PENA INVESTIR NA EDUCAÇÃO

Pub: **Jornal de Notícias**

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 14;15

  
clipping  
consultores

## Conversas com Norte

ALEXANDRE QUINTANILHA, CARVALHO DA SILVA E JOSÉ LEITE PEREIRA MODERADOR

# É PERIGOSO QUE JOVENS DUVIDEM QUE VALHA A PENA INVESTIR NA EDUCAÇÃO

**A geração que está a ver as suas expectativas frustradas deve olhar para o ensino como um meio de obter conhecimentos e não como uma formação para uma determinada função**

Área: 1357cm²/ 71%

FOTO Tiragem: 133.131

Cores: 4 Cores

ID: 3562566



**José Leite Pereira (JLP): Muita coisa acontecerá entre este momento (ontem de manhã) e o dia de amanhã (hoje). Uma certeza é que estaremos no auge de uma crise política cujo fim não conseguimos vislumbrar e cujas soluções são desconhecidas.**

**Alexandre Quintanilha (AQ):** Acho que é muito claro que durante esta crise as diferenças aumentaram de uma forma muito visível. Os muito ricos continuam muito ricos e, às vezes, até se aproveitam da crise para tirar mais vantagens e os pobres continuam muito pobres. O que eu gostaria era de um Governo que tentasse equilibrar isto um bocadinho.

**JLP: Isso é uma utopia, não?**

**AQ:** Não sei se será. Temos de acreditar que há coisas que são possíveis. Utopia seria querer que todos fossem iguais. Uma sociedade ideal será aquela em que todos tenham as mesmas oportunidades de crescer e de se desenvolverem. Eu gostaria de uma política que diminuísse tanto a pobreza como as riquezas absolutamente escandalosas. Que promovesse um equilíbrio mais sensível. Estarmos numa crise faz com que o dinheiro que pedimos seja cada vez mais caro. É, obviamente, uma condição imposta de fora e que nos está a forçar a ir em determinadas direcções que não me parecem que sejam as melhores.

**JLP: Mas a verdade é que também houve um momento em que gastámos sem grande cuidado.**

**AQ:** É óbvio.

**Carvalho da Silva (CS):** Alguns. Nem todos puderam gastar.

**JLP: Está claramente a dizer que há culpados por esta crise.**

**CS:** Como em tudo na vida, há culpados e não culpados e há graduações de culpa. Não é preto e branco. Em 2008, o défice estava nos 3%. Passou para 9,3%, mas não foi por aumentar o subsídio de de-

semprego ou os apoios sociais.

**JLP: Não, mas também houve uma crise internacional fortíssima.**

**CS:** Claro, mas foi porque alguns milhares de milhões de euros foram metidos em buracos de roubos autênticos. E, depois, fez-se a transferência disso para os orçamentos de Estado. Isto é um facto. Vivemos um tempo em que está a convocar-se com força a participação dos povos. Quando o recurso tem de ser o pronunciamento dos povos, às vezes, há desequilíbrios extremamente complexos. Primeiro, há muita coisa a avançar no Mundo de forma positiva para muitos milhões de seres humanos. Há, no entanto, situações complicadas. A Europa está num beco muito complexo. O compromisso de solidariedade entre os Estados é zero. As decisões que estão a ser tomadas, sobre países frágeis como o nosso, são duríssimas, mas não estão a ser tomadas em favor dos povos e não lhes está a ser criada uma dinâmica de solidariedade, antes pelo contrário. O projecto europeu de harmonização do progresso foi colocado de lado. Está-se a trabalhar na harmonização do retrocesso.

**JLP: No caso português.**

**CS:** Temos três problemas fundamentais. Primeiro, a sucessão de medidas que temos adoptado torna a coisa sempre pior. Se lembrarmos o êxito que foi, até há pouco tempo, o combate à pobreza, o que significaram os apoios sociais até na dinâmica de participação das populações na sociedade, e se virmos que este PEC diminui o IAS – o indexante que determina as prestações sociais – para 2012/13 para os níveis de 2010 começamos a assustar. Depois, há problemas com o que foi acordado esta semana. Ir buscar milhões e milhões à Segurança Social, que tem um orçamento apertado, para dizer que se está a ocupar as pessoas é complicado. Depois há, objecti-

vamente, a passagem da indemnização de despedimento 30 para dez dias. E choca-me quando dizem: não tenham preocupações que isto é só para o futuro. Que sociedade é esta em que assistimos à vontade a dizer-se: não vamos dar às novas gerações aquilo que damos aos mais velhos. Isto vai ser sustentável? Não vai.

**AQ:** Eu fiquei muito preocupado com a manifestação da “geração à rasca”. As gerações actuais estão a dizer que o país não cumpriu a obrigação de lhes garantir emprego. Podemos dizer, de uma forma um pouco bruta, como com dizem os ingleses: “Ninguém vos prometeu um jardim de rosas”. Aquilo que, em princípio, a educação nos dá é a capacidade de termos muito mais conhecimento para depois escolhermos os instrumentos que quisermos para o futuro. Não é necessariamente para trabalharmos na área em que fomos formados. Eu treinei-me em física, já fiz biologia, agora estou interessado em sociologia. A ideia de que as pessoas são formadas para uma determinada função, é uma ideia extremamente perigosa que lembra os regimes muito autoritários.

**CS:** Eu não concordo muito com a forma em que está a colocar a questão. Há alguns anos, não muitos, eu sentia uma maior retracção da juventude em relação ao estudo do que agora. O problema é que a sociedade faz um apelo à escola porque isso é inquestionavelmente um ganho, mas, depois, não aparecem contrapartidas. Mas, a geração actual está muito mais preparada para a mutação do emprego do que a minha.

**JLP: É obrigada a isso.**

**“A ideia de que somos formados para uma determinada função é muito perigosa”**



**Carvalho da Silva** mostrou-se chocado com as mudanças no regime de indemnizações dos trabalhadores despedidos e Alexandre Quintanilha diz-se preocupado com o fenómeno da geração à rasca, defendendo a ideia de que a educação abre possibilidades e não garante emprego

**CS:** Mas tem essa percepção. Até se encontram muitos jovens que vêm a estabilidade no emprego como uma retracção negativa. O que eles não encontram é contrapartidas.

**JLP: Que contrapartidas?**

**CS:** O trabalho é a primeira questão, mas não é só o trabalho.

**AQ:** Isto também pode ser visto como uma utopia, mas há muitos sítios em que a pessoa quando não encontra trabalho, faz o seu próprio trabalho. Sei que não é uma solução para toda a gente. O grande problema é que o país habituou-se a certos padrões de vida.

**JLP: Há que baixar as expectativas.**

**AQ:** Voltamos à questão europeia. Na restante Europa, há esses padrões de vida. Portanto, olhamos lá e dizemos: porque é que não haveremos de viver assim?

**CS:** E são esses os padrões que nos são apresentados como o êxito e caminho certo.

**AQ:** Exacto. Aí há toda uma mistura de mensagens contraditórias que estão a ser apresentadas. Percebo que os jovens se sintam per-

didados. Mas acho perigosíssimo que, ao não haver soluções óbvias nesta altura, os jovens passem a ter dúvidas sobre se vale a pena investir na educação, no conhecimento, na sua flexibilidade e plasticidade. Há séculos que os portugueses quando não encontram trabalho vão à procura de outros sítios onde possam desenvolver as nossas competências.

**JLP: O problema é que também já não somos tão bem recebidos porque lá também há muitas dificuldades.**

**CS:** Há um processo global migratório complexo e com maior pressão para a mobilidade.

**AQ:** Eu acho que essa pressão é muito positiva. A pressão de as pessoas não continuarem toda a vida toda no mesmo sítio em que nasceram é uma coisa extremamente positiva para o desenvolvimento de cada um. Não digo necessariamente que tem de ser noutra parte. É nos momentos difíceis em que aprendemos muito sobre

o que nós somos e a sociedade que queremos desenvolver.

**JLP: Acha que, em termos de educação, temos feito as apostas certas?**

**AQ:** Em termos universitários, há de tudo. Hoje, os jovens têm um vasto leque de áreas às quais se podem dedicar. O que eu acho é que não oferece opções dentro dos cursos.

**CS:** Não são suficientemente maleáveis.

**AQ:** Exactamente. A pessoa quando vai é demasiadamente encaminhada para uma dada área. Isso faz com que deixe de ter a plasticidade mental para pensar em outras alternativas da sua própria vida.

**CS:** Creio que se avançou muito no Ensino Superior, mas nem sempre da melhor forma. Durante muito tempo, colocaram-se as classes médias, médias-baixas e baixas a fazer um enorme sacrifício para pagar a formação dos seus filhos com os negócios de algumas privadas. Hoje, estamos muito mais normalizados. Chamo a atenção para duas coisas. A

Área: 1357cm² / 71%

Tiragem: 133.131 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3562566

Data: 24.03.2011

Título: E PERIGOSO QUE JOVENS DUVIDEM QUE VALHA A PENA INVESTIR NA EDUCAÇÃO

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 14;15

Educação é uma das áreas onde se construiu um dos indicadores de desenvolvimento de que nos podemos orgulhar. Acho que estão a haver mudanças muito positivas graças a uma enorme dedicação dos professores. Acho que temos capacidades no ensino e que os professores deste país deram um contributo extraordinário e não mereciam ser tão mal tratados como foram nestes últimos anos. Tudo por causa da pressão do dinheiro.■

**“A sociedade faz um apelo à escola, mas, depois, não aparecem contrapartidas”**



**“Gostaria de uma política que promovesse um equilíbrio mais sensível”**

**Alexandre Quintanilha**  
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO



**“Na Europa não há dinâmica de solidariedade e está-se a trabalhar na harmonização do retrocesso”**

**Carvalho da Silva**  
LÍDER DA CGTP

**TIAGO RODRIGUES ALVES** EDIÇÃO  
sociedade@jn.pt